

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO, 1883.

N. 3.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria provisoria do Centro Litterario, rua da Prainha 172, sobrado.

A commissão pede ás pessoss da cõrte ou do interior que desejarem ter a *Revista*, queiram enviar seus pedidos ao lugar acima.

Temos recebido os seguintes jornaes, á cujas redacções sinceramente agradecemos a remessa:

Da cõrte — *A Revista Illustrada*, *Mequetrefe*, *Jornal do Agricultor*, e o *Argonauta*.

Da provincia do Rio de Janeiro — *Echo da Magdalena*, *Vassourense*, *Monitor Fidelense*, *S. João da Barra*, *Itatiaga*, *Voto Livre*, *Monitor Campista*, *Fluminense*, *Arauto*, *Tymburibá*.

Da provincia de S. Paulo — *Rio Branco*, *Tempo*, *Arauto de Lorena*, *Diario da Tarde*, *Gazeta da Franca*, *Pararangaba*, *Nortista*, *Opinião Liberal*, *Tribuna do Norte*, o *Arado* e a *Situação*.

Da provincia do Espirito Santo — o *Horizonte*, *Provincia do Espirito Santo*, *Baluarte* e o *Espirito Santense*.

Da provincia de Santa Catharina — *A Regeneração*.

Da provincia do Rio Grande do Sul — o *Lábaro*, e o *Arauto das Lettras*.

Da provincia do Ceará — *O Cearense*.

Da provincia das Alagoas — *O Papagaio* e o *Pandego*.

Da provincia de Pernambuco — *O Etna*.

Da provincia de Minas-Geraes — *Echo do Povo* e *Arauto de Minas*.

Da provincia da Bahia — *O Regenerador*.

Recebemos mais, do illustrado Sr. director do collegio Silveira um gracioso convite para assistirmos á brilhante festa de distribuição dos premios e encerramento das aulas, que teve lugar no dia 16 de Dezembro proximo passado.

Agradecemos.

Em visto da grande affluencia de trabalhos, a Commissão de Redacção e Censura roga a todos os Srs. Associados que queiram colaborar no 4º numero da *Revista*, o obsequio de remetterem seus trabalhos até o dia 5 de Fevereiro proximo.

D'essa data em diante não será admittido trabalho algum.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio, 15 de Janeiro de 1883.



TRANSCREVEMOS, com a maior satisfação, um officio do intelligente e patriótico redactor do *Espirito Santense*, recebido com a sympathica cordialidade de quem recebe um longo abraço fraternal, forte e franco.

Effectivamente, a unidade de pensamento e de acção entre nós e aquella redacção significa, á nossos olhos, o amplexo

fraternal de uma provincia inteira, resolvida, como nós, á lutar contra a crescente invasão estrangeira na litteratura, nas crenças, nos costumes e na educação da mocidade.

Orgulhamo-nos em transcrevel-o porque esse officio vem nos provar, á toda a evidencia que nós não combatemos em pról de uma causa commum, em pról de uma idéa frivola ou por simples capricho de jovens arrebataados.

Eil-o :

« Victoria, 10 de Dezembro de 1882.

« Illms. Srs.

« Recebendo a *Revista do Centro Litterario* que acompanhou vossa *Circular*, apraz-me dizer — que saúdo com enthusiasmo vosso empreendimento, sob as bases contidas nesta ultima.

« Verdade, estamos n'uma época em que só se encontra valor no que nos fornece o estrangeiro ; — Portugal e Brazil, apesar dos robustos talentos que tem, do que se ha produzido nestes ultimos quinze annos, marcham na litteratura e na sciencia, na retaguarda do progresso, — por que, só dramas, comedias e entre-actos francezes tem valor, quando já temos comediographos e dramaturgos a competir com os melhores da Franca. Em poesia e romances não nos inveja o estrangeiro — porque a pleiade de mestres brasileiros e portuguezes o provam ; falta-nos, sim capricho e amor proprio para, banindo de nossas estantes essas nonadas litterarias, que nos vem de enxurrada do estrangeiro — darmos importancia ao que é nosso, que muito maior valor esthetico tem do que — romances, comedias e poesias, eivadas de obscenidades e gongorismos, que ferindo a moral por um lado, narcotizam-nos por outro.

« Dito isto, pôde a illustrada redacção da *Revista do Centro Litterario* contar com meu fraco apoio, a bem de soerguer a nossa litteratura do abandono em que jaz.

« O nosso jornal será enviado regularmente.

« Com a mais distincta consideração assignamos.

De VV. SS.

Patricio, Attento, Venerador e Criado

BASILIO CARVALHO DAEMON

Redactor do *Espirito Santense*. »

Permitta-nos o illustre collega algumas palavras nossas.

Nós não guerreamos paizes, mas queremos, com effeito, « banir das nossas estantes essas nonadas litterarias que nos vem de enxurrada do estrangeiro. »

E' porque vemos desprestigiadas as obras immortaes dos grandes mestres brasileiros e portuguezes, que levantamos esse brado de revolta.

Na nossa modesta bibliotheca ha obras de que cada pagina é um protesto, cada capitulo um grito de indignação e cada volume um anathema lançados contra a fria indiferença manifestada pelos povos que fallam a lingua portugueza por tudo que é da sua patria.

« Damos importancia ao que é nosso », é esse real-



mente o nosso fim, e para conseguil-o não recuaremos ante os maiores sacrificios.

Temos para isso a fé e a esperança — luctaremos!

Temos força e juventude, e, sobretudo, sentimos em nossos corações lavrar com todo o fogo, o santo amor da Patria, do bom e do bello.

Não recuaremos porque nessa lucta estão empenhados os nomes, para nós sagrados, de tantos mestres, cujas obras jazem no olvido ainda mais frio e funebre do que as campas razas em que jazem seus corpos.

Se vencermos, veremos campear bem alto e livre, fóra do alcance das criticas mesquinhas e invejosas, a exuberante litteratura vernacula.

Será essa a nossa gloria e a nossa recompensa.

Se formos vencidos, teremos ainda forças bastantes para lançar, de envolta com o derradeiro alento da nossa causa, um unico brado de indignação, grande como o patriotismo inflamado, profundo como o desprezo e eloquente como a natureza das nossas patrias.

### NO BAILE

A' D. A. DE OLIVEIRA

**E**RA no baile, e enquanto descuidosa  
Te entregavas das valsas ao delirio  
Minh'alma percorria do martyrio  
A escala toda horrivel e penosa.

Admirava a pallidez do lirio  
Que cobre a tua fronte donairoza  
E a mente minha ardente e suspirosa  
Ao fitar-te eleva-se ao empireo.

E quando as doces notas expiravam  
Levadas pelas auras que passavam,  
O bulicio da dança abandonando

Tu chegaste á varanda docemente  
E os olhos ergueste meigamente...  
Então, eu vi dois céos um só fitando.

K.

### ESPERANÇA

**M**INHA alma sente saudades,  
e sinto no peito a dor;  
sinto o fogo da esperança  
trazer-me á vida o calor.

Ter esperança na vida,  
vida que Deus destinou,  
que não pôde ser mentida,  
como os sonhos que sonhou!

Se a esperança é um sonho,  
os sonhos, uma illusão,  
descrever da esperança e sonhos,  
não é criterio e razão.

Se a esperança é dourada,  
como a saudade é sentida,  
se falta á vida a esperança,  
tambem falta ao corpo a vida.

ALVARO BAPTISTA

### DISCUSSÃO DE THESE

AO POLEMISTA R. MATOLLA

#### These

*A mulher brasileira, educada como é hoje, póde levantar o espirito nacional, fazendo da nossa patria uma verdadeira e grande familia?*

**D**ISSE já um litterato, que da discussão nasce a luz.  
Discutamos, pois.

Sem ter recursos intellectuaes bastante desenvolvidos para apresentar-me na arena da discussão o faço, todavia, porque sei que no ponto final d'ella, tenho direito a um lugar:

Ou vencedor, ou vencido.

Admittindo o ultimo, por hypothese, entendo que não fui de todo inutil, visto que dei occasião a que o meu illustre adversario ficasse vencedor.

Para que vença uma ideia é preciso fazel-a correr nos campos da polemica: ora cahindo ou levantando-se, ora morrendo e vivendo.

Para que se discuta uma these é necessario haver contrarios a ella, e eu não serei de todo inutil servindo de *elemento á discussão*.

Eis por que á interrogação que a these representa, eu respondo: Não, cem vezes, não.

Não, porque, para mim, *mãe de familia* significa a mulher que amando as doçuras do lar, não as troca, nem d'ellas se affasta, pelo passatempo inutil de um baile ou identicas cousas superfluas; cuida na felicidade do lar domestico, na satisfação do esposo e no futuro de seus filhos.

Pois bem.

Actualmente educam mulheres, para d'ellas fazer: futuras mães de familia.

Porque está provado que a mãe de familia, quando educada, é o elemento e base da felicidade de um povo, do progresso de uma nação e do levantamento do espirito nacional.

Estamos portanto preparados para sermos felizes, progredirmos e levantar o espirito nacional; assim não acontecerá porque não educam as mães de familia.

Olhemos para qualquer das nossas casas de educação: todas ellas apregoam aos quatro ventos que preparam mães de familia.

E, o que preparam ellas?

Preparam mulheres no estudo de grammatica, arithmetica, musica, desenho, etc.

E em que servem estes estudos, com os quaes ella se illustra e não se educa, para fazer a felicidade do lar domestico?

Muitos dirão: estes estudos farão a independencia da mulher relativamente ao homem, e ella poderá subsistir por si mesma.

Não admitto esta asserção desde que se trata de mães de familia, que a unica independencia que devem ter está na dependencia do caro esposo e ternos filhos.

Com esses estudos ellas não poderão educar filhos;



o que possui grande variedade



Suas impressões  
obtido por varias vezes o juizo  
favoravel da illustrada imprensa,  
tanto da Corte como das  
Provincias.

Especialidade em impressões de obras como sejam:  
Relatorios, Estatutos, Revistas, Publicações  
periodicas, Theses, Romances Memoriaes,  
Circulares, Recibos, etc., etc.

GARANTE NITIDEZ, PROMPTIDÃO E MODICIDADE NOS PREÇOS.

*N. 31, Rua da Ajuda N. 31*

(Entre as ruas de S. José e Santo Antonio.)



esses estudos estão nas escolas e no proprio lycêo onde esses filhos os irão buscar quando tiverem idade conveniente.

A mulher precisa educal-os em casa e para isso, precisa que ella tenha essa educação para transmittir-lhes.

Mas não lhe dão essa educação.

Nos lycêos não ha aulas de pedagogia ? !

A educação para as mulheres ensinar aos filhos os primeiros passos, isto é, sua criação, todas devem possuir.

Aonde está, nos lycêos, a aula de economia domestica, materia indispensavel a toda a mãe de familia, para completa direcção dos arranjos de sua casa ?

Precisamos mulheres operarias, antes que illustradas.

A mulher operaria póde ligar-se ao capitalista ou fidalgo assim como ao rude trabalhador de alvião e enchada.

A mulher illustrada só póde ligar-se ao capitalista e ao fidalgo, que dispoem de meios para pagar a mordomia de sua casa, e não serve para ligar-se ao operario como provarei em subseguente artigo.

Eduquem a mulher, antes de illustral-a.

CARLOS DA COSTA FONTELLA.

Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1883.

### AMOR E TRAIÇÃO

(À EXMA. SRA. D. MARGARIDA R. LEITÃO)

VITE. Eras bella, candida, virtuosa,  
Teus olhos despediam um brilho seductor  
Mas mesmo pura como o calix d'uma rosa  
Occultavas em teu peito um coração traidor.

Amei-te, com o fogo do meu primeiro amor  
Ao vêr-te casta assim e tímida e formosa  
Mas breve, muito breve estouvada, e caprichosa  
Ficaste, e o coração, enche-me de dor.

Meu peito é immerso hoje, em bem amargos prantos  
Triste e saudoso dos tempos que lá vão  
Em que eu contemplava, feliz, os teus encantos !

No fundo de minh'alma, occulto esta paixão  
E, desprezando, embora soffrimento tantos,  
Perdôo-te ! oh ! virgem, a tua ingratição.

DOMINGOS B. DE PINHO E SILVA.

Porto, Dezembro, 1882.

### A ELLA...

MORENINHA seductora,  
tu és travessa e faceira,  
és tão viva, tão bregeira,  
moreninha seductora !...  
D'amores provocadora,  
tens olhos de feitiçeira ;  
moreninha seductora,  
tu és travessa e faceira.

\* \*

Sempre teus labios risonhos,  
sempre vivos os olhinhos,  
Cheios d'encantos, carinhos,  
sempre teus labios risonhos.  
Me perseguem nos meus sonhos  
os teus mimosos pesinhos,  
sempre teus labios risonhos,  
sempre vivos os olhinhos !

D. CKELUCIO.

### Electrico



AGRO, pallido e taciturno, assim era elle.

Sonhava.

Por isso era poeta.

Como todos os poetas, tinha necessidade de amar.

E tanto fez que amou.

Mas a sua escolhida era surda, quero dizer, insensivel a declarações.

Nunca lhe ouvio uma nota, nem um gesto.

Fallou-lhe... qual ! o diabo da rapariga era má por indole : parece até que não tinha o dom da falla.

Recorreu ás lagrimas ; chorou muito.

Qnem chora, padece.

O que padece definha.

Se definha está prestes a succumbir.

Mas não succumbiu.

Estudou em compensação.

Pensou.

Tornou a estudar... a pensar.

Deitou sonetos... nada ! idilios... em vão !

Foi uma desgraça.

Afinal, como que inspirado por uma luz unica, atirou-se aos pés da ingrata e resolveu de um só golpe .. de palavras, abalar aquelle coração de gelo.

— Ouve : — estou resolvido a tudo ! No primeiro momento afogo-me ! atiro-me do Corcovado se me não attendes, se não ouves este coração que pulsa só por ti ! Olha : se soubesses os prazeres que te esperam amando-me ; se comprehendesses as venturas inefaveis que te faria fruir em troca do teu amor...

— Não quero...

— ...não serias tão ingrata...

— Já lhe disse.

— ...tão cruel !

— Moço ! vá s'embora ! Ora dá-se ! que bisbilhoiteiro !

Pensa que eu sou d'essas ? Está enganado ! Se continúa a metter-se com a minha vida com taes palavriados, eu grito , eu chamo por papae !

Cahi das nuvens.

A sua ella tinha chegado uns dias antes da... não, não digo para não criar inimizades na roça.

Por isso jurou nunca mais amar.

E fez muito bem ; porque isso de mulheres...só o diabo !

DUARTE PORTO JUNIOR.

### SCENAS

Como é bella, garrida e louça  
E como canta a formosa aldeã  
Uns poemas d'amor tao sentidos !  
Accordes tão bellos, divinos,  
São tristes, suaves hymnos  
Que vêm de peitos doridos !

Vem a noite... e um rapazola  
Faz, no terreiro, a viola  
Gemer uns sons stridentes,  
E a joven aldeã, vae cantando,  
Depressa, correndo e saltando,  
Dar-lhe a face aos beijos ardentes !

4-1-83.

AVELINO LISBOA.



## O QUE EU DESEJO...

O Jêso! vem cá! Reflecte bem!  
 « Olha tu que o *negocio* é da *china*:  
 « Dás dez contos, tão sómente, e logo vem  
 « Um *baronato*! Que dizes? Imagina:  
 « Serás então da *elite*, da *gente fina*,  
 « Tu que hoje és olhado com desdem,  
 « Terás *puffs*! nas gazetas e á *surdina*  
 « Serás adulado, enfim, mais que ninguém! »  
 — Sim senhor! isso é bonito, amigo meu!  
 « Mas, dou-te certeza que o projecto teu  
 « Não satisfaz o meu desejo ardente;  
 « Porque, afinal, queres tu saber?  
 « O meu constante desejo, é poder  
 « Expressar bem o que minh'alma sente. »

Jêso.

Rio, 1 de Janeiro de 1883.

## ROMANCE LIGEIRO

ALBERTINA era o fructo tardio d'um casamento por amor.

Viera ao mundo quando já não era esperada.

O velho Ribeiro quasi enlouquecera de contentamento quando a sua querida Alberta annunciara, entre alegre e envergonhada, que elle ia ser pai.

Duvidou primeiro... « — Que ella queria mofar d'elle... não era possível... depois de dezoito annos? !... »

— Não. Era exacto... que o medico lhe tinha affiançado.

Depois de encaral-a longamente convenceu-se, pela serenidade de seu rosto, que ella não estava brincando.

Puchou-a para si, beijou-lhe a fronte e, apertando-a estreita e amorosamente nos braços, exclamou:

Como sou feliz!

Era a realisação do seu mais ardente desejo.

Casado aos 30 annos com uma menina de 17, a quem amava perdidamente, desejava ardentemente que um fructo d'esse amor viesse perpetuar o seu nome. Chegava mesmo a traçar no espaço de sua imaginação um plano para o futuro do almejado filhinho: e era com o maior desapontamento que via passarem-se os annos sem que o seu sonho se realisasse.

Quantas vezes, marchando aconchegadinhos em longos passeios campestres, sentavam-se n'uma alfombra e, as cabeças unidas, segredavam amores, horas inteiras!...

N'um extremo de ternura inqueria-lhe elle:

— E's feliz, minha Berta?

Ella fixando-lhe os grandes olhos negros, coquetemente cerrados, coando por entre os longos cilios um brilho voluptuoso, dizia: — E' preciso que t'o diga? Tu duvidas porque não o és.

— Sou; mas não tanto quanto desejara. E's boa, porém tens frustrado a minha mais doce esperança...

Sem mesmo perguntar como, ella enrubecia e tapava-lhe a bocca com a mãosinha gorda, papuda, e não o deixava concluir.

E assim passaram-se dezoito annos; e já elle tinha exclamado como o poeta italiano — *lasciate ogni speranza* — quando Albertina lembrou-se de vir ao mundo.

Quando se annunciou a sua proxima chegada, os paes que já estavam voltando-se para o poente, tornaram-se duas creanças enamoradas.

— Ha de ser mulher, dizia o pae, terá lindos olhos, longos cabellos como os teus; ha de ser boa como tu...

— Não, retorquia ella, seria homem; parecer-se-ia muito com elle... havia de ser doutor, e muito intelligente...

Como vêm porém, venceu elle. Era com effeito uma mulher, e, a medida que se desenvolvia, parecia que era o retrato de Alberta que se animava sahindo do fundo de um quadro, — do que esta não se convencia apesar de ser a opinião unanime dos amigos. Amuava-se mesmo quando perguntando a alguém: « Não é o retrato vivo do pae? » respondiam-lhe negativamente.

Crescera Albertina rodeada de todos os cuidados de filha unica de paes ricos, mas sem os preceitos d'uma menina bem educada. Aos quinze annos tinha completado o que entre nós se chama — a educação de uma moça.

Estropiava algumas partituras, *cantava romanças* em italiano, que ella não comprehendia, assassinava o idioma de V. Hugo e lia todos os romances que apreciavam, mesmo sem que seus paes os tivessem examinado para autorisar a leitura. Dizia-se realista. Lêra *Naná*, o *Primo Basilio* e o *Crime do Padre Amaro*, e achava *Escriva* enfadonho.

Conhecia todo o movimento litterario e desconhecia o do interior de sua casa.

Fazia garbo de não saber temperar uma panella, nem cortar um vestido. O pae era rico... e depois, isto de cosinha era para negras e criadas.

Gastava todo o tempo que lhe sobrava da leitura e dos passeios, a compôr um sorriso, arranjar um penteado defronte do magnifico espelho de Veneza do seu quarto.

Perigosamente bella, enamorava-se da sua propria pessoa; e de tal sorte occupava-se de si que esquecia-se de retribuir os carinhosos affectos de seu pae.

E o velho Ribeiro nem sentia a frieza com que ella lhe tratava.

Não ia para o escriptorio antes que ella se levantasse para dizer adeus.

E quando ella apparecia com a basta cabelleira em desalinho, os olhos negros e grandes, pisados pela insomnia; vestida com o descuido estudado; era elle quem corria ao seu encontro. Segurava-lhe nas mãos alvas e finas, beijava-a, inqueria da sua saúde e dizia-lhe mil tolices que só têm significação quando ditas por um pae.

Ella bocejava, respondia as vezes agastada, e outras deixava de responder. Desvencilhava-se d'elle e atirava-se na sua *chaise-longue*, lendo os folhetins dos jornaes enquanto esperava que lhe trouxessem o café.

— Está nervosa, dizia o velho acompanhando-lhe os movimentos.

Albertina completara os 16 annos. Era, como dissemos, perigosamente bella, caprichosa, vaidosa e coquette.

Sentia a necessidade de ser amada, porém d'um amor como os que ella via descriptos nos romances. Por isso, regeitara vantajosas propostas de burguezes apatcados.

Tinha o seu ideal.

Queria um marido bem moço, de largos bigodes louros, cabellos anellados e olhos azues.

Um marido romanesco, que lhe dissesse a todo o instante, ao ouvido: « Amo-te! Adoro-te! » Como lhe diziam muitos rapazes nos bailes do Cassino.

Este ideal appareceo.

Camillo, poeta lyrico, um debochado que depois de gastar nas orgias e em amores faceis a fortuna que herdara vivia a cata de uma rica herdeira. — foi o escolhido.



Encontraram-se n'um baile, onde elle apresentara-se de casaca e luvas alugadas ao *belchior*.

Fora-lhe apresentado, e dansara diversas vezes com elle. Dissera-lhe cousas divinas e outras impossiveis. Pedira-lhe licença para dedicar-lhe uma poesia que ella lhe inspirara... e dias depois uma *Gazeta* publica diversos sonetos e *romances ligeiros* decantando os dotes phisicos com que a natureza dotara a linda Albertina.

O nosso Camillo começou a passar todas tardes pela porta de Ribeiro, até que encontrou um amigo que lhe dera ingresso na casa.

Elle não perdeu tempo.

Repetira-lhe a viva voz, tudo que lhe dissera por escripto.

Endeou-a...

«... Que os seus cabellos faziam o desespero de todas e o encanto de todos... que a luz dos olhos seus infiltravam-lhe na alma gozos até então desconhecidos... os labios, a bocca, os dentes, tudo enfim, eram a perfeição o encanto a graça.

O pé mignon, catita era o ultimo *bijou* sahido das mãos do GRANDE ARTISTA.

Era um pé como não era dado a nenhum mortal vêr um igual em sua vida. »

E ella ouvia todas aquellas asneiras com um mystico enlevo.

Concedera-lhe permissão para pedil-a em casamento.

Serão muito felizes...

Pela primeira vez Ribeiro oppoz-se ao desejo de sua filha.

Estava informado a respeito de Camillo, e de modo algum consentiria. Amava-a muito para assim sacrificar-a...

Choros, ataques de nervos, ameaças de envenenamento, tudo foi debalde.

Ribeiro foi de uma austeridade de que elle proprio julgava-se incapaz para com a sua *Titina*, o seu anjo, como elle dizia.

O anjo tornou-se o diabo.

Combinou com o amante a fuga, porque, disse elle, o velho seria depois obrigado a ir procural-os e até rogar-lhes que voltassem.

Quando a velha Albertina veio em prantos communicar ao marido que a filha desapparecera, deixando um bilhetinho sobre o toucador, o velho não teve uma palavra de exprobação, nem uma praga. Apertou a fronte nas mãos, fincou os cotovellos na mesa, e ficou assim pensativo, com a cabeça pendida. Duas lagrimas bailaram-lhe muito tempo nos olhos, e desprendendo-se depois das palpebras vieram acompanhando as caprichosas voltas dos carneiros que 63 annos fizeram-lhe no rosto.

São passados 6 annos. Ribeiro e Alberta já não existem.

Quanto a Albertina, depois de esbanjada a fortuna que Ribeiro accumulara n'um trabalho afanoso de honesto negociante, como os versos não dessem para a panella, levou-lhe o marido para um cortiço na cidade nova, onde vamos encontral-a a lavar roupa, tendo junto a si tres filhinhos sujos, rotos e rachiticos.

O marido vive embriagado nas vendas e ella trabalha para sustental-o e aos filhos. Vive porém honradamente.

« Maldita necessidade.

« Que a tanto obriga a vontade. »

Cômo diz o poeta Jacobino Freire.

R. MATOLLA.

## GOSO

TAL como o passarinho  
que o ninho vai guardar  
do abutre a voejar  
d'instincto vil, damnhinho:

A mãe que de mansinho,  
no berço vai beijar  
o riso a despontar  
nos labios do filhinho,

Me enleva e faz sentir  
um goso tal divino  
qu'innunda a alma de luz:

Pois sinto no sorrir  
do angelico menino  
a aureola de Jesus.

DUARTE PORTO JUNIOR.

## UM MOMENTO DE ESPERA

VAI, amarga expressão de minha alma,  
de mim leva bem longe, a paixão,  
vai morar nos agrestes silvedos;  
ouve as aves cantar nos fragedos,  
não me roubes da vida o condão.

Não me deixes morrer sem que eu possa,  
meus desejos na vida cumprir;  
não me queiras roubar os cuidados,  
que na mente conservo gravados,  
como estrellas no céu a fulgir.

Que depois d'elles serem cumpridos,  
cessará n'este peito a ambição;  
morrerei, levarei d'este mundo,  
as saudades de amor tão profundo,  
que pungiram o meu coração.

ALVARO BAPTISTA.

## TOME NOTA !

QUERES tu puxar-me a orelha?  
Pois puxa!... Não levo a mal.  
E' cousa já muito velha  
Que prova amor, afinal

Franze lá a sobranceira...  
Dá-me o muchocho usual.  
Pódes mesmo dar-me sal  
Por fino bife de grelha.

Pregue-me quatro casendos  
Que meus labios serão mudos!  
Dá-me tabefe que estale...

Mas, desde já te previno:  
Dispensó o affecto canino,  
Que amor... de dentes não vale.

ABEL PORTO.

## OS BAILES



*haine anglaise!*

Cá estou eu a fallar dos bailes.

Não julguem os homens da minha idade  
que isto que faço é um grito lançado contra  
aquelles innocentes folguedos de outr'ora.

Tambem não pensem as delicadas mocinhas de hoje que eu quero com isto ir contra essas innocentes fabricas de namoros e prazeres.

Não! Eu fallo bem de tudo. Sou d'aquelles que ac-



cendem uma vella á S. Miguel e outra á sua victima.  
E' um systema que adoptei quando tive a idéa de me metter na politica. A idéa foi-se, felizmente, mas o systema ficou.

Ficou, porque é bom.

Venho fallar dos bailes, assim como quem falla da vida alheia : — por fallar.

O meu sisudo leitor já appreciou, em um baile, as conversações dos diversos grupos reunidos?

Não?

Pois aprecie e verá que excellente remedio aquillo é, para o rheumatismo!

Alli ninguém falla de si, porque todo o tempo é pouco para fallar dos amigos. Ha pessoas que dizem:

— Eu não gosto de dançar. Quando vou a um baile é somente para me divertir, vendo os outros dançarem.

E divertem-se.

Mas divertem-se em criticar os que dançam.

Em geral, esses criticos são velhos que cavaqueiam por verem que os rapazes de hoje não querem saber de *Lanceiros*, *Rocamboles*, *Linda Jardineira*, *Varsovianna*, e outras muitas danças que eram as suas delicias nos bellos tempos passados.

Ouçamos o que dizem elles :

— Não sei o que me parece isto! A policia devia prohibir os bailes. N'elles é que os rapazes e as raparigas arruinam o corpo, o espirito e a moralidade.

Um outro que arruina o nariz com rapé:

— Isso digo eu sempre. E accrescento tambem:— filha minha não vai a bailes.

— Nem minha!

— Nem minha!

— Inda se estes bailes fossem como os do nosso tempo!...

— Não são, não, e é por isso mesmo que eu tambem não consinto.

Vejamos agora os rapazes, os que gostam de dançar, mas que não dançam por não acharem com quem.

— Lá vai o Kellar. Que horrivel systema tem aquelle rapaz de dançar!

— E' verdade. Olha como elle abaixa-se todo! Que *tour* elle faz, nossa senhora!

— Eu julgava que era só eu que dançava mal, mas elle...

— E o Torres? Lá vae elle, olha!

— Pobre da dama! Era digna de melhor sorte!

— Cada vez que vejo o Torres dançar, lembro-me do *Dico*, n'aquelle baile do collegio, viste?

— Não.

— Era uma cousa por demais! Imagina você que elle, dançando mal, como dança, foi escolher para *vis-à-vis* o Antonico...

— Ih!

— ...De maneiras que as damas viram-se obrigadas a errar, para não fazer especie.

— Ah! Ah! Ah!

— Mas é bem feito! Quem as manda dançarem com elles?

E d'ahi por diante.

Agora as moças:

— Olha a Fifina! Ah! Ah! Ah!

— Credo! Aquillo é escandaloso! Está dando na vista!

— Bem se importa ella com isso. O que quer é namorar!

— E logo quem ella foi buscar!

— Quem é? Conheces? Inda não o vi.  
— E' aquelle rapazinho que está dançando com aquello moça de vestido á *pompadour*.

— Aquelle de gravata branca?

— Sim.

— Não é feio.

— Pois tambem de bonito não tem nada.

— Olha que beiçorras tem elle!...

— O Lurecio tem maiores e no entanto tu namoras.

— Mas o Lurecio não é bexigoso. Veja o outro.

A cara parece-me um queijo de Minas. *Diga* que não, se és capaz!

— Não nego, mas aquillo até lhe dá uma certa graça...

— E, depois, é malcreado, como elle só. Ha dias no baile do Club não quiz dançar commigo para ir dançar com uma mocinha muito *descarada* que lá estava.

— Ah! Por isso!...

E não ficam ahi.

Muitas vezes, no curto intervallo de um *tour*, um desgraçado arranja duzia e meia de inimigos... da vida alheia.

O baile é o purgatorio social.

O individuo que tiver a felicidade de sahir de um baile com a casaca completa póde ir ao céu a qualquer hora que tem entrada.

E' o sonho dourado das nossas pallidas Ya-yás, das nossas romanticas Milocas.

Ninguém dirá, ao ver aquelles corpos flexiveis e delicados, que ellas sejam capazes de dançar noites inteiras.

Mas são.

Dariam um vestido de seda em troca de uma walsa, ou de uma quadrilha.

A maioria dessas moças que não vivem senão para isso, desconhece qualquer principio de educação.

E' um gosto ouvil-as fallar.

Uma moça me dizia:

— Eu, quando vou a um baile, *seu coisa*, não perdo nem uma! As *quadrias* não me escapam, e as *porkas*, não *dexo passá*. As *manzucas* e *warsa*, é quantas a *musga locá*.

Ha moças que gostam de empregar os termos mais empolados do seu vocabulario para dar á entender o o seu pensamento.

Essas fallam alto.

Já ouvi uma dizer n'um baile a uma amiga:

— E' meramente impossivel que a humanidade possa se reclinar n'esta cadeira depois que finaliza uma contradansa.

— Mas porque?

— Porque penetra por aquelle orificio uma aragem tão salutar que produz inconvenientes constipações. E tu percebes logicamente que o resultado perceptivel das constipações é todavia uma *peloriz* ou uma *pneumonia*.

Infelizmente, isto é só na sala do baile, porque em casa...

Em casa abandonam os palavrões e dizem muito *brazeiramente*:

— Aquillo esteve uma porcaria, uma pouca vergonha! Eu não bebi nem uma *chicra de chicolate*.

— E eu? Apesar de haver lá muito, eu não comi nem uma *cuié* de sorvete.

Louvado seja... de gatinhas!

ABEL PORTO.



## O RÉO

**R**ECLINADO sobre a relva  
Com forte e lenta agonia,  
Esperando o triste dia  
Que começa a apparecer,  
Em silencio o réo lamenta  
E espera a hora certa,  
Em que por vez derradeira  
A luz do sol ha de vêr.

Um altar e um crucifixo  
Uma enlutada capella,  
Esguia e pallida vella  
Sombrea com luz mortiga,  
E junto ao réo miseravel  
Meio encoberto o semblante.  
Fica o frade agonizante  
Relendo o livro de missa.

JOÃO J. PINHO E SILVA.

## A Carneiro Braga

**L**EMBRAS-TE? Decorreram já vinte e dous annos; eramos moços ambos. Encontrei-te um dia em casa do Manoel Fortes que era teu amigo e conhecia-me apenas. Fallamos de livros e de auctores, de poetas e romancistas; depois fallamos da patria e das fundas saudades que d'ella tinhamos.

Quanto tempo gastamos n'aquella agradável palestra, eu não o saberei dizer agora; sei porém que desde então uma corrente sympathica nos ligou estreitamente. As nossas idéas, pensamentos, projectos e aspirações eram iguaes e quasi simultaneas.

Correram os annos.

Amamos ao mesmo tempo, e quasi que do mesmo modo. Séria e dignamente, sem piégas nem namoricos escandalosos.

Cazamos quasi ao mesmo tempo, e nossos filhos cresceram juntos. Tratavam-se por tu como se fossem irmãos.

Recordas-te? Depois, collaboramos juntos para a *Esmeralda*, creação nossa que tanto trabalho nos deu, mas que nos deu tambem horas de prazer, de amor proprio linzongead, de satisfação e de orgulho, talvez!

E as nossas idéas erão sempre iguaes, os nossos pensamentos identicos, e as nossas impressões semelhantes. Até na pobreza alegre e jovial, na constancia no trabalho, e nas ambições de futuro, nós eramos eguaes e irmanados. Sempre o mesmo gosto pela leitura e pelas lettras, liamos o mesmo livro e faziamos identica analyse. Tinhamos em germen a instrucção do bello e grandioso. Infelizmente para ti e especialmente para mim, aquelle germen, nunca se desenvolveu, porque faltou-nos o zelo cultivador e a mão intelligente e cuidadosa do jardineiro. Em compensação a mão do destino, pezava-nos como uma condemnação eterna!

Porque? Não sei!

Ai daquelles miseros expatriados, que levados pelo demonio da ambição deixam no verdor dos annos a patria e o lar paterno, se não trazem a fronte coberta dos beijos e das benções maternas! Ai delles, se uma boa e santa mãe lhes não innocula no espirito infantil os eternos e sagrados principios da moral e do dever, da honradez e do bem! Ai delles, que, sem protectores nem amigos, só encontram exploradores; que em lugar de bons exemplos encontrão vicios, e em vez de instrucção encontrão o embrutecimento no trabalho

brutal, na convivencia abjecta, nos máus exemplos, nas más companhias, no abandono, enfim!

Quantas de entre elles conseguem passar incolumes esse lago stygio negro de lódo e miserias, e chegar á outra margem, á vida, á sociedade, á luz publica, de fronte erguida e serena, de coração limpo e de consciencia tranquilla e calma? Poucos: bem poucos! Os pobres de ouro mas ricos de sentimentos elevados: aquelles aquem as santas mães na hora amargurada das despedidas, cobriam as fronte juvenis de lagrimas bem ditas, de beijos longos e fervidos, e de benções celestes.

\* \* \*

Por incommodo repentino em pessoa de tua familia, sahiste apressadamente da ultima sessão do «Centro Litterario»

Não tivemos, por esse motivo, tempo de trocarmos as nossas impressões; de analysarmos em commum, como tão longos annos fizemos, o facto que se desenvolvia e avultava bizarramente a nossa vista, e se transformava rapidamente em esplendida realidade.

Mas eu bem vi que estavas sob a mesma impressão que eu sentia, sorprendente e agradável.

No teu olhar curioso e analytico, eu vi, por vezes, brilhar o clarão vivido e intenso dos grandes e bellos enthusiasmos.

E' que os nossos pensamentos sempre iguaes e irmãos, eram ainda uma vez, uniformes e semelhantes. Sómente tu tinhas a mais a surpresa! Não imaginavas sequer, o que podia ser uma sessão litteraria do «Centro».

E quando viste uma sala cheia de rapazes, muitos imberbes ainda; quando viste uma directoria de creanças, tu ficaste sorpreso e curioso.

Depois, quando esses jovens desfilarão para a tribuna e d'ali, recitaram os seus estudos, ou seus devaneios praticos; elles que ha pouco tempo, não pegavam na penna para ligar duas palavras, e que se não julgariam nunca capazes de fazer um verso, de certo o teu pensamento parodiou um philosopho moderno muito em voga, e disseste comtigo:

— *Aqui, ha alguma cousa!*

E não te enganas! Ha, sim! Ha o facto real de se agrupar, uma multidão quasi, de jovens empregados e artistas, laboriosos e modestos, para se instruirem e enobrecerem-se a si proprios.

Ha, sim, e realmente a sede ardente e insaciavel de saber e de luz.

Ha a força de vontade intelligente e fertil que faz dos mancebos homens, dos homens heróes, e dos heróes semi-deuses.

Ha a elevação do pensamento e do espirito que se burila, se faceta e pule para o bello e para o bom. Ha a libertação dos divertimentos nocivos e venaes a que a mocidade inconsiderada e desprotegida se deixa arrastar nas poucas horas de folga e que tão poderosa e fatalmente influe na sua saude, na moral e no futuro. Ha o protesto tacito, da mocidade, contra o costume absurdo e anachronico do trabalho do commercio da capital do imperio.

Ha ainda a revelação inconcussa de uma evolução felicissima na geração actual para o estudo e para o progresso. Soubessem e quizessem aquelles que pretendem reger os destinos das gerações, aproveitar, proteger, e cultivar estas disposições felizes das massas populares, e a educação do povo não seria uma utopia, mas uma realidade esplendida e grandiosa! A moral publica não seria um vocabulo vão e sem significado, mas a base fortissima da familia e da sociedade!



O futuro não seria um ponto obscuro em horizonte longiquo e incerto, mas pharol brilhante a indicar porto seguro e calmo.

\* \* \*

Debalde, porém, com inauditos esforços de almas grandes e generosas, fundam-se escolas e lyceus, cursos e aulas noturnas e gratuitas.

Debalde, porque nos armazens do commercio os miseros caixeiros erguem-se com o dia e moirejam o dia todo até que ás dez horas da noite cahem, extenuados de fadiga para recommencarem durante semanas, mezes e annos, o mesmo labor insano e sem treguas, sem luz e sem esperanças. E' triste, mas é real.

Debalde porque, nas officinas da industria, o operario ergue-se ao sibilar do locomovel, identifica-se com elle, authematiza-se, e quando ao cahir da noite despega-se do banco ou do torno, é mais um corpo fatigado do que um espirito lucido. E' massa inerte a subjugar a vontade exausta. E' a materia a dominar o espirito !

No entanto, o commercio em geral, retrograda indubitavelmente, eivado de uma vaidade stulta por titulos balofos e brazões incompreensíveis, ao passo que os commerciantes inglezes e allemães, methodicos e razoaveis, enriquecem e predominam.

No entanto, a industria fabril luta e é vencida pelo estrangeiro, methodico e instruido, que pensa mais do que trabalha, que estuda mais do que executa !

\* \* \*

E, eu vi o teu olhar illuminar-se á luz do pensamento que preside ao Centro Litterario.

E vi tambem que a espaços um pensamento triste e saudoso, perpassava no teu espirito e que uma lagrima amarga te vinha humidecer as palpebras ardentes.

Talvez que subindo as regiões dos sonhos, julgasses entrever no grupo daquellas cabeças juvenis aquella que a morte te arrebatou na flôr dos annos. Pobre flôr mal desabrochada ainda, se o tufão te não arrebatasse, tinhas ali o teu lugar, e quem sabe ? bem distincto talvez, entre teus irmãos e amigos.

Descança Arthur ; a minha evocação não pôde perturbar-te a paz eterna. Eu fui teu amigo.

DUARTE PORTO.

Rio, 6 de Janeiro de 1883.

## BOAS FESTAS

RECITADA EM SESSÃO DE 1 DE JANEIRO DE 1883



«Centro Litterario» penhorado, pela amavel presença das senhoras, suas pobres sessões á abrilhantar, vem, um tanto confuso e acanhado, fazer-lhe umas mezuras seductoras, no estylo mais gentil que pôde usar.

Nós sabemos que é uso, neste dia dar as festas ás moças feiticeiras como prova de affecto e de amizade : mas o «Centro» só pôde dar poesia, pois no fundo das ermas algibeiras, tem... as cordas da lyra e a vontade !

Pediremos as musas ideias ás graças, ás estrellas, aos destinos e ás roseas auroras luminosas, os magos esplendores sederaes os encantos angelicos divinos e os perfumes subteis das frescas rosas !

E, dos sublimes dons da natureza faremos joias de um valor subido, que offerecemos ás gentis donzellas : e adornando-lhes a angelica belleza, o nosso coração grato e rendido. ama-as assim, mais divinaes e bellas !

Doce Alzira morena, a fronte pura, deixa adornar das perolas divinas, que as alvoradas criam para ti : E' fada ideal da partitura, a lyra de harmonias peregrinas, musa ardente do bello Guarany !

Angelina mimosa, as roseas faces deixa tingir da côr das magnolias, orvalhadas das gottas matutinas : e ao perfume de impressões vivaces os threnos virginaes de harpas eolias embalem-te illusões, puras divinas !

Sympathica Zezé, tu que semelhas quando sorris, as lucidas auroras e tens nos olhos tanta luz do céu, unge os labios no mel d'aureas abelhas e adorna das graças seductoras, o bello rosto angelico que é teu !

Tambem tu minha doce Antonieta terás para enfeitar-te as lours tranças um bouquet virginal de bugarys. Tens o odor suave da violeta, e um mundo de sonhadas esperanças nascem nos labios teus, quando sorris !

A Cecilia gentil, que tem dois sóes nos olhos côr das azas da andorinha a trança côr da tréva em noite amena, terá o esplendor dos arrebóes quando o astro da luz surge e caminha e a fronte lhe doura, alva e serena !

Nicota delicada, e graciosa como a haste mimosa de alvo lyrio embalada das brisas das campinas, terás da musa aerea e vaporosa um throno harmonioso, que em dilirio te entreteça grinaldas de boninas.

Formosa Stella, estrella vespertina, fulgida aurora das manhãs de abril flor circumdada de ideal belleza : Tens nos labios a rubra coralina, e na graça do porte senhoril o encanto seductor da gentileza !

Senhoras ! Vós que a existencia tendes já plena de ideias ternuras, de dores e venturas materiaes, tereis tambem do hymno a pura essencia, do santo amor das santas creaturas, nos hymnos de harmonias divinaes !

Eis as festas que o «Centro» agradecido, pôde offerecer as moças feiticeiras csmo prova de affectos respeitosos : Se não são joias de valor subido, são expressões fieis e verdadeiras, de gratos corações harmoniosos !

Rio, 1 de Janeiro de 1883.

NEMO.